

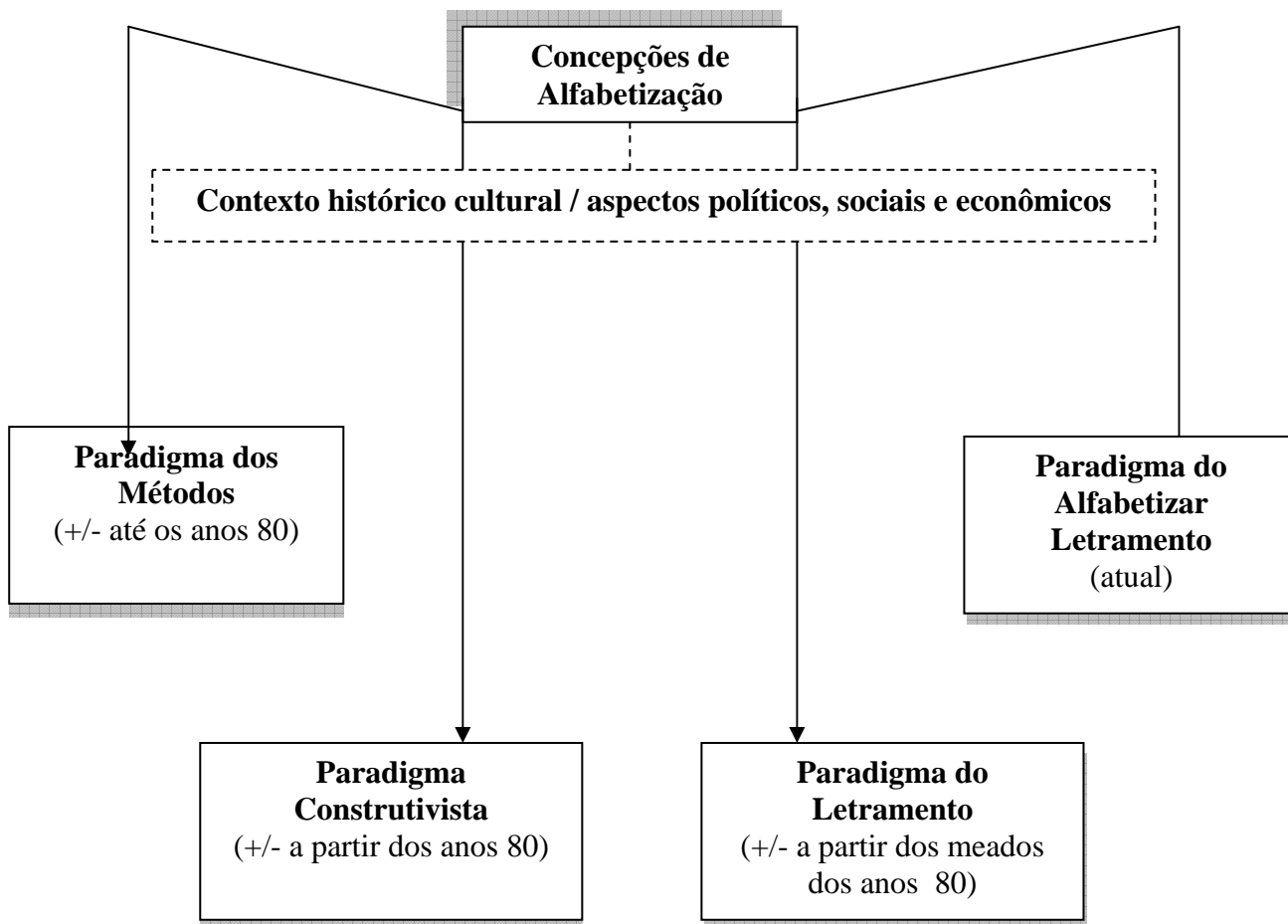
Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC
Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico – CENAP

Texto 3: CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO¹

Historicamente, as concepções acerca da alfabetização foram se constituindo como uma prática plural e multifacetada, com diferentes sentidos e significados, no contexto sócio-histórico-cultural-econômico e político, sob a égide de diferentes paradigmas, que mudaram as decisões metodológicas e os procedimentos didáticos.

Revisitar tais concepções, possibilita ao professor/a alfabetizador/a rever a sua prática pedagógica, na perspectiva da ação-reflexão-ação, detectando limites e possibilidades, auxiliando na re-significação do seu olhar para o processo de construção da língua escrita e da sua postura metodológica.

Paradigmas da alfabetização:



3.1 PARADIGMA DOS MÉTODOS

Historicamente, o conceito de alfabetização, calcado sob a égide do paradigma dos métodos, definia o ensino aprendido do sistema alfabético de escrita. Isto significava dizer que:

na leitura, era desenvolver a capacidade de DECODIFICAR OS SINAIS GRÁFICOS (sons), transformando-os em SONS, e, na escrita, era preciso desenvolver capacidades para CODIFICAR OS SONS DA LÍNGUA, transformando-os em SINAIS GRÁFICOS (letras).

Este paradigma, que ainda está fortemente presente nas propostas didáticas atuais, foi amplamente utilizado até os anos 80. Neste período, o foco das discussões estava voltado para a questão da utilização dos métodos sintéticos e analíticos, chamados por muitos de métodos tradicionais.

Pressupostos dos Métodos Sintéticos e Analíticos:

Base Teórica: empirismo-associacionista de aprendizagem, calcado no modelo de “estímulo-resposta”.

Foco: como ensinar.

Alfabetizando/a: *tabula rasa, folha em branco, disquete vazio*, ou seja, alguém que não tem conhecimento e experiência anterior sobre a língua, aprende recebendo e memorizando informações prontas sobre letras, sílabas e palavras, dadas pelo/a professor/a.

Professor/a: aquele/a que detém todo os saberes.

Modelo de ensino: apóia-se na fixação como processo cognitivo. Visão adultocêntrica sobre o que é fácil / difícil na hora de sequenciar unidades.

Concepção de aprendizagem: por memorização, fixação.

Concepção de alfabetização: sistematização do “B + A = BA”, isto é, como aquisição de um código fundado meramente na relação entre fonemas e grafemas. Domínio das primeiras letras.

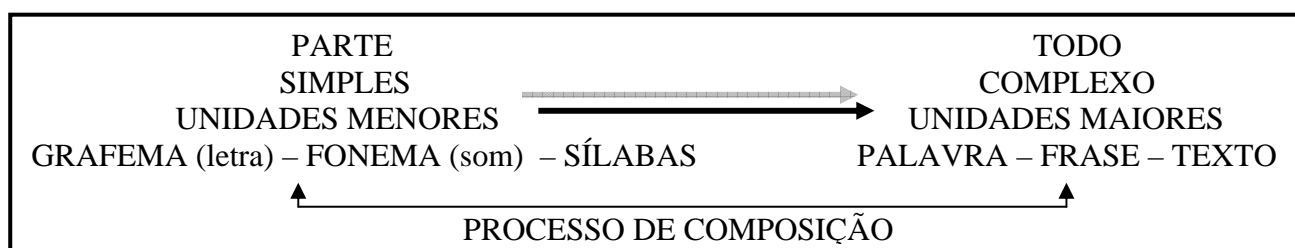
Concepção da língua: um código a ser decifrado e codificado, predominando a prática mecânica da memorização da grafia correta de palavras, cópias e ditados sem sentido, assim como leitura descontextualizada, desprovida de significado para os alfabetizandos, uma vez que a linguagem é geralmente trabalhada distanciada do seu uso real e de sua função principal, a interação entre as pessoas (função comunicativa real). Ler é, antes de tudo, dominar a técnica de leitura e escrita. Primeiro aprende-se identificar letras, sílabas e palavras, para em seguida conseguir decifrar frases e textos pequenos e simples. Só depois deste processo que se tem contato com textos e com a linguagem utilizada cotidianamente.

Aprendizado do sistema de escrita: redução ao domínio de correspondências grafo-fonêmicas (a decodificação e codificação).

Ênfase: nos aspectos gráficos e psicomotores como requisitos para prontidão da alfabetização, isto é, bom traçado, boa coordenação motora e boa discriminação visual e auditiva.

Os métodos sintéticos e analíticos foram criados em virtude da urgência de facilitar as habilidades de aprender a ler e escrever.

3.1.1 MÉTODOS SINTÉTICOS (da Antigüidade até meados do século XVIII)



- ✓ Utilizam o raciocínio indutivo: do simples para o complexo, das partes para o todo.
- ✓ Lógica: ensina-se a ler e a escrever a partir da apresentação de unidades menores, em uma progressão que pretende ir do mais simples para o mais complexo, numa seqüência fixa estabelecida pelo/a professor/a ou pelo livro didático, privilegiando o processo de decodificação.
- ✓ Baseiam-se na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia.
- ✓ Apresentam a língua como um objeto externo.
- ✓ Enfatizam os aspectos gráficos e psicomotores para prontidão da alfabetização, ou seja, bom traçado, boa coordenação motora e boa discriminação visual e auditiva.
- ✓ Os/as alfabetizandos/as, considerados/as *tabula rasa* ou *página em branco* ou *disquete vazio*, aprendem a língua memorizando, repetindo e associando informações sobre as letras, sílabas e sons, dadas pelo/a professor/a.

Os MÉTODOS SINTÉTICOS subdividem-se em:

- **ALFABÉTICO OU DE SOLETRAÇÃO:**
 - Foi o primeiro processo empregado universalmente na aprendizagem da leitura, já era usado no ano 68 a. C em Roma e na Grécia antiga.
 - Ponto de partida: as LETRAS.
 - Lógica: primeiro se ensinam os nomes e as formas das letras isoladamente, na seqüência alfabética e também salteada, liga as consoantes às vogais, para depois trabalhar com as sílabas e, em seguida, com as palavras, frases, para, finalmente, chegar a textos inteiros.
- **MÉTODO FÔNICO:**
 - Introduzido por Valentin Ickelsammer no século XVI.
 - Ponto de partida: o fonema.
 - Lógica: primeiro deve conhecer os fonemas e, em seguida, combiná-los formando sílabas, palavras e frases.
 - O *método da abelhinha*¹, a *casinha feliz*² e a consciência fonológica³ são os exemplos de derivações deste método, propondo associações visuais e auditivas com a forma e os sons das letras.
- **MÉTODO SILÁBICO**
 - Introduzido por Samuel de Heinicke no século XVIII.
 - Ponto de partida: a sílaba.
 - Lógica: as sílabas constituem as palavras, estas em frases, até chegar em pequenos textos.
 - Até os nossos dias a silabação é o processo mais usado, principalmente no Brasil.

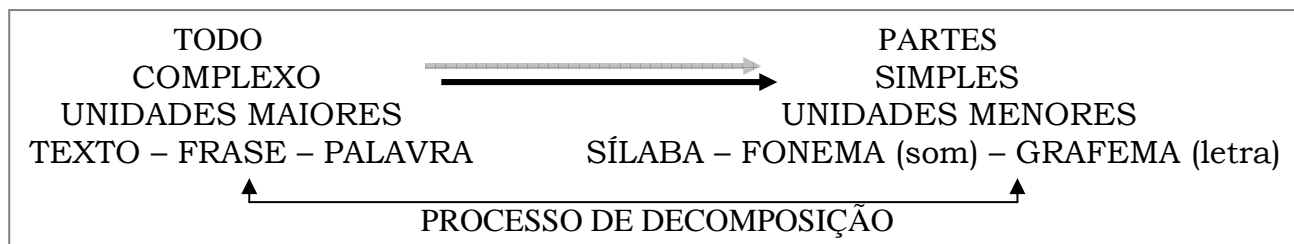
| Métodos Sintéticos | |
|--|--|
| Pontos Fortes | Pontos Frágeis |
| <p>Focalizam aspectos essenciais no processo de alfabetização:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A relação entre grafemas (letras) e fonemas (sons). ▪ A identificação e discriminação de diferentes sons (consciência fonológica). | <p>Usados de forma exclusiva ou parcial, apresentam as seguintes limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Descontextualizam a escrita, seus usos e funções sociais, enfatizando situações artificiais de treinamento de letras, fonemas ou sílabas. ▪ Ensinam a leitura de forma mecânica, sem compreensão. <p>Não exploram as complexas relações entre fala e escrita, suas semelhanças e diferenças.</p> |

¹ Este método apresenta uma série de histórias cujos personagens estão associados à letras e sons.

² Este método busca facilitar a aprendizagem conduzindo o alfabetizando ao conhecimento da escrita através de elementos lúdicos, como o teatro de fantoches. Nele as vogais ou os cinco amiguinhos, encostavam-se às consoantes, materializando a fusão dos sons.

³ A consciência fonológica é a capacidade de identificar e discriminar diferentes sons.

3.1.2 MÉTODOS ANALÍTICOS (a partir do século XVIII)



- ✓ Surgem em oposição teórica aos métodos sintéticos
- ✓ Partem das unidades maiores (palavra, frase, texto) para as unidades menores (letra, fonema, sílaba) através da decomposição.
- ✓ Utilizam o raciocínio dedutivo: do complexo para o simples, do todo para as partes.
- ✓ Lógica: ensina-se a ler e a escrever a partir da apresentação de unidades maiores, em uma progressão que pretende ir do mais complexo para o mais simples, do todo para as partes.
- ✓ Têm como base o processo de análise, em que o processo de leitura se faz do todo para as partes. Dominada a leitura, inicia-se a análise das palavras, tendo em vista a natureza do processo de ler, que é um processo analítico-sintético. A criança só estará lendo quando for capaz de discriminar os elementos de uma palavra, identificando-os e utilizando-os na composição de novos vocábulos.

Os MÉTODOS ANALÍTICOS subdividem-se em:

- **PALAVRAÇÃO**
 - Ponto de partida: é a palavra.
 - Lógica: inicia-se com a palavra-chave e chega-se às sílabas, fonemas e letras que a constituem. Em seguida, apresenta-se ao alfabetizando uma lista de palavra na qual ele/ela terá que reconhecer a palavra-chave; depois, uma outra palavra-chave, que será comparada à primeira.
- **IDEOVISUAL, IDEOGRÁFICO OU DE PALAVRAS-TIPO.**
 - Criado por Decroly, em 1936.
 - Lógica: parte de uma motivação (desenho, história, verso, etc.) e apresenta a palavra ligada ao desenho. Este processo evoluiu para a palavração e palavras progressivas.
- **SENTENCIAÇÃO**
 - Liderado por Randovilliers, em 1768.
 - Ponto de partida: é a frase.
 - Lógica: parte da frase ou sentença para chegar as palavras, fonemas e sílabas.
- **CONTO OU HISTORIETA**
 - Criado pela Educadora Margarida Mc Closkey no século XX.
 - É uma decorrência natural do método da sentenciação.
 - Ponto de partida: é a história.
 - Lógica: as sentenças são as partes de um todo maior, mais interessante e significativo. Inicialmente, apresentam-se, gradativamente, partes de uma história completa que os/as alfabetizando/as irão memorizar. O/a professor/a conta uma história e faz com eles/as escute-a, façam comentários e fixem a ordem em que acontecem os fatos. Em seguida, lê o texto e os/as alfabetizando/as repetem; posteriormente, faz-se o reconhecimento das frases dentro e fora de ordem. A seguir, acontece a decomposição do texto em frases, depois em palavras, em sílabas e finalmente em letras ou sons.

| Métodos Analíticos | |
|---|--|
| Pontos Fortes | Pontos Frágeis |
| <p>Focalizam aspectos essenciais no processo de alfabetização:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O estímulo à leitura de unidades com sentido, pelo reconhecimento global das mesmas. | <p>Usados de forma exclusiva ou parcial, apresentam as seguintes limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O trabalho com elementos isolados (frase e palavra), não favorece a compreensão de um texto. ▪ Enfatizam construções artificiais e repetitivas de palavras, frases e textos, muitas vezes a serviço da repetição e da memorização. |

3.1.3 MÉTODO ECLÉTICO OU MISTO

- ✓ Utiliza os processos de análise e síntese.
- ✓ Tentativa de superar os problemas resultantes da polarização dos métodos sintéticos e analíticos.
- ✓ Neste método:
 - As histórias são desvinculadas do conhecimento real da criança.
 - Os textos não possuem estrutura lingüística, apresentam diálogo artificial.
 - As atividades são baseadas em leitura e interpretação de textos, exploração de palavras e decomposição das famílias silábicas.
 - O/a alfabetizando/a não tem oportunidade de produzir o seu próprio texto, partindo de suas experiências e vivências sociais.

3.2 PARADIGMA PSICOGÊNESE DA LÍNGUA ESCRITA

A partir da década de 80, constata-se no cenário educacional brasileiro, um progressivo “desinvestimento” no estudo dos métodos sintéticos e analíticos, também chamado de “desmetodização” do ensino, ou seja, a ausência de método para alfabetizar, em decorrência do surgimento dos estudos de Emília Ferreiro e Ana Teberosky sobre a Psicogênese de Língua Escrita, baseados na epistemologia genética de Jean Piaget.

— — — — —

! A Psicogênese da Língua Escrita ou a origem do conhecimento da escrita é o caminho que as !
! crianças percorrem na apropriação da língua escrita. Volta-se para a compreensão de como elas !
! aprendem. !

— — — — —

A Psicogênese da Língua Escrita parte dos seguintes pressupostos:

Base Teórica: cognitivismo ou construtivismo.

Foco: como o/a alfabetizando/a aprende.

Alfabetizando/a: sujeito da aprendizagem, que só aprende a língua escrita, elaborando hipóteses e estratégias sobre ela.

Professor/a: facilitador/a, problematizador/a, que organiza atividades que favorecem a reflexão sobre a escrita.

Modelo de ensino: apóia-se na capacidade do sujeito refletir, interferir, estabelecer relações, processar e compreender informações transformando-as.

Concepção de aprendizagem: por compreensão, estabelecimento de relações.

Concepção de alfabetização: processo de construção conceitual, contínuo, iniciado muito antes do/a alfabetizando/a ir para escola e que se desenvolve simultaneamente dentro e fora da sala de aula. Alfabetizar significa construir conhecimento.

Concepção de Língua: concebida como sistema de representação, como um objeto de conhecimento construído socialmente.

Aprendizado do sistema de escrita: concebido como resultado de processo ativo no qual o sujeito da aprendizagem, desde seus primeiros contatos com a escrita, constrói e reconstrói hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita. Ler e escrever significa compreender como funciona a sua e seu uso na sociedade, e não meramente juntar pedaços de escritas.

Ênfase: no erro construtivo e no texto como núcleo do trabalho com a língua, desde a alfabetização.

| Psicogênese da Língua Escrita | |
|--|--|
| Pontos Fortes | Pontos Frágeis |
| <p>Focalizam aspectos essenciais no processo de alfabetização:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ O foco da aprendizagem no/a alfabetizando/a. ▪ O uso do diagnóstico dos conhecimentos prévios. ▪ Análise dos erros como indicadores construtivos de processos cognitivos e hipóteses de aprendizagem. ▪ Reconhecimento da evolução da escrita que se dá por meio dos níveis conceituais. ▪ Valorização do ambiente alfabetizador. | <p>Usados de forma exclusiva ou parcial, apresentam as seguintes limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Por não ser uma abordagem pedagógica, requer uma transposição da abordagem psicológica sobre como a criança se apropria do sistema de escrita para sala de aula. ▪ Para alguns autores, o problema desta proposta está na excessiva centração nas dimensões conceituais em detrimento da sistematização metodológica do ensino da língua escrita. ▪ Na medida em que o foco passou a ser a criança, a questão do ensino sistematizado e planejado do sistema alfabético-ortográfico, ficou subestimado em detrimento à faceta psicológica. Assim sendo, muitos/as professores/as passaram a excluir técnicas de trabalho, pois consideravam que o construtivismo não fazia uso de metodologias. |

3.3 PARADIGMA DO LETRAMENTO

O paradigma do letramento surge nos cenário educacional brasileiro a partir dos meados dos anos 80, colocando em evidência as diferentes dimensões do aprender a ler e escrever. Segundo este paradigma, o foco meramente no sistema da escrita alfabética não garantiria a apropriação dos usos e funções da língua escrita. O letramento tem ralação com as práticas de leitura e escrita que o sujeito vivencia na sociedade. Já a alfabetização tem relação com a apropriação da escrita.

Pressupostos do paradigma do letramento:

Base teórica: sociointeracionismo.

Foco: nas práticas sociais de leitura e escrita.

Concepção de letramento: formar leitores e produtores de texto.

Ênfase: na leitura e produção de textos.

| Letramento | |
|---|---|
| Pontos Fortes | Pontos Frágeis |
| <p>Focalizam aspectos essenciais no processo de alfabetização:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ A ênfase na leitura e produção de textos. ▪ A apropriação dos usos e funções da língua, | <p>Usados de forma exclusiva ou parcial, apresentam as seguintes limitações:</p> <ul style="list-style-type: none"> ▪ Pouca ênfase nas atividades que propiciam apropriação do sistema de escrita. ▪ Priorização do fenômeno do letramento em detrimento das especificidades da alfabetização |

3.4 PARADIGMA DO ALFABETIZAR LETRANDO

As crianças, desde tenra idade, convivem com a língua oral em diferentes situações de interação social e, por meio desta, aprendem sobre si, sobre os seus pares e sobre a realidade que as cercam. Estão igualmente cercadas de situações nas quais estão presentes as práticas sociais de leitura e escrita, como, por exemplo: escrita de cartas, bilhetes e avisos, leitura de rótulos de embalagens, placas e outdoors, escuta de histórias, poemas e parlendas, dentre outros.

Sabe-se que crianças que estão inseridas em ambientes ricos em experiências de leitura e escrita, não só se motivam para ler e escrever, mas, começam, desde cedo, a refletir sobre os materiais de escrita que circulam socialmente. Em contrapartida, aquelas que têm poucas oportunidades de acesso a estes materiais, apresentam mais dificuldades na apropriação da língua. Negar-lhes a oportunidade e o direito às práticas sociais de leitura e escrita, é, sobretudo, contribuir para manutenção e perpetuação da desigualdade e exclusão social em nosso país.

Portanto, cabe a instituição escolar, responsável pelo ensino da leitura e da escrita, oferecer oportunidades de acesso a cultura escrita, ampliando as capacidades e as experiências das crianças de modo que elas possam ler e escrever com autonomia. Para tanto, faz necessário que esta instituição, por meio das práticas alfabetizadoras, contemplem, de maneira articulada e simultânea, os processos de alfabetização e o letramento, ou seja, a apropriação do sistema alfabético e ortográfico e o uso da língua em práticas sociais de leitura e escrita.

Segundo Magda Soares, um indivíduo entra na cultura escrita basicamente por duas vias:

1ª VIA: APRENDIZADO DA TECNOLOGIA (ESCRITA)

O aprendizado da tecnologia da escrita, isto é, do sistema alfabético e ortográfico e das habilidades para utilizá-lo para ler e escrever acontece por meio do estabelecimento das relações entre fonemas (sons) e grafemas (letras), para decodificar ou para codificar; da compreensão das convenções gráficas, tais como a orientação e o alinhamento da escrita (se orienta de cima para baixo e da direita para esquerda); do conhecimento do uso dos objetos de escrita presentes na sala de aula, dentre outros aspectos, dos quais ela chama de técnicos. Isto significa dizer que aprender a tecnologia da escrita é alfabetizar-se.

ALFABETIZAR: orientar para o domínio da tecnologia da escrita.

ALFABETIZAÇÃO: ação de ensinar a ler e escrever; apropriação do sistema alfabético e ortográfico.

ALFABETIZADO é aquele que aprendeu a ler e escrever.

2ª VIA: O DESENVOLVIMENTO DO USO DA TECNOLOGIA DA ESCRITA

O desenvolvimento de habilidades de uso da tecnologia da escrita, isto é, da apropriação do sistema alfabético e ortográfico, acontece por meio da inserção em práticas sociais que envolvem a leitura e escrita: letramento.

LETRAMENTO: ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita, e denota estado ou condição em que um indivíduo ou sociedade que obtém como resultado de ter-se “apoderado” de um sistema de grafia.

LETRAR: exercitar as práticas sociais de leitura e escrita.

LETRADO: aquele que não só sabe ler e escrever, mas usa, pratica e responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Letramento é: usar a leitura e a escrita para seguir instruções (receitas, bula de remédio, manuais de jogo), apoiar à memória (lista), comunicar-se (recado, bilhete, telegrama), divertir e emocionar-se (conto, fábula, lenda), informar (notícia), orientar-se no mundo (o Atlas) e nas ruas (os sinais de trânsito)...

O letramento tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade e se amplia cotidianamente por toda vida, com a participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Abarca as mais diversas práticas de escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro e o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir marcas de mercadorias etc., porém não escreve cartas, não lê jornal, etc. Se a criança não sabe ler, mas pede que leiam histórias para ela, ou finge estar lendo um livro, se não sabe escrever, mas faz rabiscos dizendo que aquilo é uma carta que escreveu para alguém, é letrada, embora analfabeta, porque conhece e tenta exercer, no limite de suas possibilidades, práticas de leitura e de escrita.

É importante ressaltar que o processo de letramento não está restrito a Língua Portuguesa, mas está, antes de tudo, entrelaçado a todas as áreas do conhecimento que utilizam a leitura e a escrita: Matemática, Geografia, História e Ciências. Os educandos lêem e escrevem nos livros didáticos, e nestes, encontram-se, por exemplo, a leitura e escrita de mapas, gráficos e tabelas. Isto por si só é um ato de letramento específico de cada área do conhecimento.

Para Soares, o aprendizado da tecnologia da escrita e o uso da mesma em diferentes práticas sociais constituem dois processos simultâneos, interdependentes e indissociáveis. Estas duas aprendizagens se fazem ao mesmo tempo, porém uma não é pré-requisito da outra. Em outras palavras:

A alfabetização se desenvolve no contexto de e por meio de práticas sociais de leitura e de escrita, isto é, através de atividades de letramento, e este, por sua vez, só pode desenvolver-se no contexto da e por meio da alfabetização.

Alfabetizar letrando significa orientar o/a alfabetizando/a para que ele/a aprenda a ler e a escrever na perspectiva da convivência com práticas reais de leitura e de escrita. Isto implica em substituir as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura

que circula na escola e na sociedade, criando situações que tornem necessárias e significativas práticas de produção de textos.

ALFABETIZAR LETRANDO: ação de ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais de leitura e escrita.

3.5 A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA

A consciência fonológica ou o conhecimento acerca da estrutura sonora da linguagem consiste em introduzir a criança no sistema de sons da fala mediante a captação das distintas funções das palavras, das rimas e aliterações, das sílabas e fonemas. Também inclui a tomada de consciência de fonemas dentro de uma palavra e da combinação de sons entre si.

A consciência fonológica é a capacidade de identificar e discriminar diferentes sons.

A criança desenvolve a consciência fonológica no contato com o mundo lingüístico, na inserção na cultura onde são privilegiadas diferentes formas lingüísticas, entre quais destacamos as músicas, cantigas de roda, poesias, parlendas, jogos orais, e a fala, propriamente dita.

Os estudos a respeito da consciência fonológica comprovaram que a habilidade de detectar rima e aliteração é fundamental no progresso na aquisição da leitura e escrita. Isto se dá porque a capacidade de perceber semelhanças sonoras no início ou no final das palavras permite fazer conexões entre os grafemas e os fonemas que eles representam, ou seja, favorece a generalização destas relações.

As sub-habilidades da consciência fonológica são:

- **RIMAS:** as rimas são os sons finais semelhantes. Representa a correspondência fonêmica entre duas palavras a partir da vogal da sílaba tônica.
- **ALITERAÇÕES:** representa a repetição da mesma sílaba ou fonema na posição inicial das palavras. Os trava-línguas são um bom exemplo de utilização da aliteração, pois repetem, no decorrer da frase, várias vezes o mesmo fonema.
- **CONSCIÊNCIA DE PALAVRAS:** também chamada de consciência sintática, representa a capacidade de segmentar a frase em palavras, bem como perceber a relação entre elas e organizá-las numa seqüência que dê sentido. Esta habilidade tem influência mais precisa na produção de textos e não no processo inicial de aquisição de escrita. Ela permite focalizar as palavras enquanto categorias gramaticais e sua posição na frase.
- **CONSCIÊNCIA SILÁBICA:** consiste na capacidade de segmentar a palavras em sílabas.
- **CONSCIÊNCIA FONÊMICA:** é a capacidade de identificar, utilizar, pensar e brincar com os sons das palavras. É no processo de aquisição da escrita que esse tipo específico de habilidade passa a se desenvolver.

De acordo com os defensores da consciência fonológica, as atividades para desenvolver a consciência fonológica são recomendadas nos primeiros anos de escolaridade, visto que constitui um processo complementar na aquisição da leitura e da escrita.

Exemplos de Atividades Pedagógicas

CONSCIÊNCIA DE PALAVRA: contar o número de palavras numa frase, referindo-o verbalmente ou batendo uma palma para cada palavra, ordenar corretamente uma oração ouvida com as palavras desordenadas.

CONSCIÊNCIA DA SÍLABA: contar o número de sílabas; dizer qual é a sílaba inicial, medial ou final de uma determinada palavra; subtrair uma sílaba das palavras, formando novos vocábulos.

CONSCIÊNCIA FONÊMICA: dizer quais ou quantos fonemas formam uma palavra; descobrir qual a palavra está sendo dita por outra pessoa unindo os fonemas por ela emitidos; formar um novo vocábulo subtraindo o fonema inicial da palavra.

Exemplos gerais²

- Após a leitura de um texto, escolher uma palavra e escrevê-la na lousa, fazendo um trabalho de consciência fonológica de som inicial, media e/ou final.
- Cartazes com figuras – separar as figuras que começam com a mesma letra.
- Dicionário ilustrado – pedir as crianças que procurem em casa, figuras de coisas que comecem com determinada letra e colar na página correspondente.
- Bingo fonético – cartão com letras: o/a professor/a monta a figura, as crianças pensam com que letra começa, marcam ou se tiver uma letra na mão, levantam-na e mostram para a turma.
- Adição ou subtração de sons:
MANGA + BA = MANGABA / MANGABA – BA = MANGA.
- Onde está a letra S nas palavras SAPO – LÁPIS.
- Falar de trás para frente:
JUCA – CAJU / SACA – CASA.
- Nomes com a mesma letra inicial.
Alimentos que começam com a letra A = ARROZ, AÇUCAR.
Frutas que começam com a letra M = mamão, maçã, melão.
- Brincar com rima

OBSERVAÇÕES:

- Essas atividades são orais.
- O importante é brincar com as sonoridades das palavras, que devem ser retiradas, sempre que possível, dos textos trabalhados em sala..

REFERÊNCIA

CAPOVILLA, Alexandra Gotuzo; CAPOVILLA, Fernando César. **Problemas de leitura e escrita: como identificar, prevenir e remediar numa abordagem fônica.** São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2000. .

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização.** Caderno de Pesquisa. São Paulo: 1985

_____. _____. **A reinvenção da alfabetização.** Revista Presença Pedagógica, 2003.

_____. _____. **Letramento e alfabetização: muitas facetas.** Trabalho apresentado no GT Alfabetização, Leitura e Escrita, durante a 26.^a Reunião Anual da ANPED, 2003.

NOTA

¹O texto apresenta uma síntese dos diferentes sentidos e significados das concepções de alfabetização, inscritas em tempos e espaços concretos determinados, e forjadas sob a luz dos diferentes paradigmas: dos *Métodos*, da *Psicogênese da Língua Escrita*, do *Letramento* e do *Alfabetizar Letrando*; assim como faz considerações sobre a consciência fonológica.

² Exemplos extraídos da Maleta Pedagógica, uma publicação da Prefeitura Municipal do Salvador / Secretaria Municipal de Educação e Cultura / Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA – SMEC

“Ninguém liberta ninguém. Tampouco ninguém se liberta sozinho. Homens e mulheres se libertam em comunhão, por intermédio do conhecimento do seu ser e estar no mundo.”



“Ninguém aprende sozinho. Tampouco ninguém ensina ninguém. Educadores/as e educandos/as aprendem em comunhão, mediatizados/as pelos conhecimentos e saberes.”

COORDENAÇÃO DE ENSINO E APOIO PEDAGÓGICO – CENAP
ESPAÇO PEDAGÓGICO VIRTUAL: TEIAS DE CONHECIMENTOS E SABERES

cenapvirtual@salvador.gov.br